SUMMARIO

CHRONICA

Uma semana salpicadinha d'escandalos e fertil em successos. Um estendal de acontecimentos patuscos e de episodios burlescos. Acepipes para todos os paladares, desenjoativos para todos os estomagos.

Deixarei passar em claro os escandalos, que enojam pela sua torpeza, e referir-me-hei ligeiramente aos factos cuja narrativa se póde ouvir sem corar de pejo.

N'estes tempos do *bacillus virgula*, em que se prescreve o uso quotidiano da agua fervida para matar o bicho, e se prohibe a ingestão de fructos mal sasonados, para evitar as colicas importunas, é mister fugir de todos os focos miasmaticos onde os escandalos se geram, desinfectar a chronica de todas as exhalações mephiticas que possam tornal-a perniciosa e damninha.

Se a gente foge a sete pés do vomito corrosivo e negro d'um cholerico repugnante, não vemos rasão para que não evite, com a maxima cautella, o contacto de qualquer leproso social e se não esquive a narrar, em phrase mal cheirosa, tudo quanto por ahi succede no pantano immundo d'este nosso meio viciado e miseravel.

A justiça que se encarregue da prophylaxia dos costumes, e que recupere a vista, para contemplar o que a sua profunda cegueira não descortina.

Quanto a nós, vamos continuando a cuidar escrupulosamente da propria hygiene, e pouco se nos dá que a imprensa diaria agite, nas columnas dos seus jornaes, a roupa suja e nauseabunda d'uns successos pouco edificantes, vedados á apreciação das gazetas emquanto as justiças não tratarem de os apreciar.

Está na berlinda o cholera. O jornalismo criva-o de improperios e os recem-casados votam-lhe um odio de morte, porque elle lhes não permitte as expansões ardentes, proprias d'uma lua de mel por tanto tempo cubiçada.

—Nada de excessos!—recommenda a medicina cautellosa. E embora um simples mortal lhe responda: — «eu casei-me hontem»—os senhores da sciencia não cessam de prescrever, *ex cathedra*, a abstenção illimitada de todos os gozos mundanos, mesmo d'aquelles mais innocentes, dos que não occasionam prejuizo de terceiro nem viciam a athmosphera.

E' triste!

Por quantos mezes isto durará, não sei. O que é certo é que a estatistica dos matrimonios, na capital e provincias, accusa um decrescimento espantoso, desde o ingresso da epidemia no paiz visinho. Ninguem se matrimonia, com medo do microbio e dos agoiros terroristas da medicina. Ha já, mesmo, quem recorra ao divorcio, como medida preventiva contra a invasão cholerica.

O amor passou a ser um vocabulo banal, vasio como a orbita escancarada d'uma caveira, lugubre e sinistro como a visagem d'um agonizante. Foge-se d'elle espavorido e horrorisado. O ante-gozo das suas caricias abrazadoras faz calafrios, provoca nauseas e caimbras.

Não, que o *bacillus virgula* desenvolve-se com os ajuntamentos, e até hoje ainda se não inventou meio d'amar sósinho, sem companhia.

Depois, os nossos medicos não querem, nem a mão do Todo Poderoso, importar a vaccina anti-cholerica, do doutor Ferran: escorraçaram o benemerito Figuerola com os frascos do seu virus redemptor; não se dignaram ir a Hespanha estudar as experiencias notabilissimas do famigerado medico tortosino, tanto em voga.

Convidada pelo governo a enviar delegados seus a Valencia, a muito douta Academia de medicina de Lisboa, mais fidalga que todas as academias do mundo, não desceu até onde ellas tinham *descido*, e deitou a publico um officio desopilante, redigido em estylo esdruxulo, explicando os motivos que imperaram no seu animo para se abster de seguir de perto os trabalhos de Ferran.

Perante esta deliberação dos sabios academicos, o paiz rio-se, é claro, mas nós ficámos sem vaccina, sujeitos a morrer do cholera, se elle amanhã nos vier bater á porta, em meio das nossas lucubrações sobre a prosa mascavada e pittoresca dos doutores humanitarios.

Tem-se commentado ahi largamente o estranho procedimento de suas excellencias academicas. Ha quem veja n'elle muita *pose*, não pouco medo, e egoismo á farta.

As nossas summidades medicas, segundo a voz do povo, não foram estudar as inoculações anti-cholericas de Ferran, *primó*, porque são illustres de mais para se envolverem nas charlatanices d'aquelle empyrico, a quem o *insignificante* Pasteur honra com as suas cartas e com a sua estima; *secundó*, porque todos elles teem amor á vida e não querem afoitar-se aos perigos d'uma viajata d'estudo em regiões inficionadas pelo microbio; *tertió*, porque importado o virus contra o cholera morbus asiatico, e injectado sob a epiderme do nosso indigena, a medicina e os pharmacopolas lusitanos, á força de não verem morrer ninguem da doença, em casos d'invasão, acabariam por morrer de fome, conscios da sua inutilidade.

E' isto o que diz o povo na sua linguagem pittoresca mas conceituosa.

Ora, nós damos de barato que a illustrissima Academia tenha *pose*, medo e egoismo. O medo é dos mortaes, a filaucia dos orgulhosos, e cada qual póde ser pedante, egoista e pusillanime á sua vontade. Todavia, quer-nos parecer que o temor do cholera não exclue o respeito pela grammatica, e que o receio de perder uns ganhositos não deve banir o bom senso.

*

Um trecho colhido ao acaso no famoso officio dos doutores:

. . . .

«Por isso... o conselho escolar, como conselho, pensa dever afastar-se de quanto, sequer, possa representar collaboração de sua parte, pensa dever evitar quanto, sequer de remoto, possa tender a conferir ao emissario do governo o caracter de enviado da escola.»

Dois *pensa* e dois *possa* em menos de cinco linhas! Por vida minha, não valia *pensar* tanto para expectorar tamanho disparate! Em verdade, não sei de que serve *poder* por aquella fórma, no subjunctivo, para ser tão ridiculo... no supino.

Dá graças a Deus por te veres livre de taes collaboradores, ó benemerito e humanitario Ferran do paiz das castanholas, como eu as estou dando por não fazer parte das academias medicas d'estes reinos!

—No mesmo dia em que os esculapios lusitanos cahiam do seu pedestal de gloria, por uma simples questão de falta de grammatica, tombava do poder o ministerio inglez Gladstone, por uma questão simplissima de bebidas. Alludo ao facto pela coincidencia de data das duas quedas, e porque elle é digno de figurar nos dominios da chronica.

Se, fosse inglez envergonhar-me-ia tanto da queda do gabinete Gladstone, como sendo portuguez me envergonho da prosa parda dos nossos doutores. O ministerio *wig* recuou no Soldão, como se sabe: abandonou Karthum: não vingou Gordon: capitulou diante da Russia: humilhou a Inglaterra perante o Mahdi e perante Bismarck. Depois d'estes enormes desastres, causados por faltas e erros enormissimos, o gabinete demissionario encontrava sempre no parlamento uma fiel maioria que o applaudisse enthusiasticamente.

Ha dias discutiu-se na Camara um novo imposto lançado sobre a cerveja. O governo pedia o imposto: a maioria abandonou o governo. O que se não fez pelo infeliz Gordon, fez-se pela cerveja da pipa. O ministerio Gladstone, que sobrevivera a tantas calamidades publicas, foi derrotado por uma questão miseravel de *bocks*.

E havemos nós de morrer d'amores pela nossa fiel alliada?

Isto foi um incidente: ha mais que contar, sem ter de recorrer aos successos lá de fóra, e aos escandalos em que anda para ahi envolvido o clero e o povo, n'um *pêle-mêle* indiscriptivel.

Abriu a explanada dos Recreios, exactamente quando os thermometros accusavam um abaixamento repentino de temperatura. O resultado é não ir lá ninguem, com medo das cacimbas doentias da noite.

Inauguraram-se hoje, no Jardim Zoologico, para recreio das feras melancholicas, os concertos dirigidos pelo maestro Breton.

A Trindade resuscitou os *Sinos de Corneville* para experimentar se o actor Lima, ex-photographo, ex-burocrata, ex-dramaturgo e ex-poeta, dava um Ribeiro, e se actriz Pepa, ex-hespanhola e ex-emprezaria de theatros brazileiros, dava uma Herminia.

Nenhum d'elles chegou á craveira por onde se mediam estes dois bellos artistas, mas fizeram-se applaudir calorosamente.

Queres mais noticias? Ahi vae a ultima. Faz hoje um anno que eu me debrucei, pela primeira vez, no varandim da Chronica, a palestrar comtigo, minha adoravel leitora.

Um anno! Como o tempo corre, e como tu estarás farta de me ouvir!

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXV

Queixa-se o sr. Gomes de Amorim, com sobeja razão, do modo injusto como Garrett é tratado por D. Antonio Romero Ortiz no seu livro *La literatura portugueza en el siglo XIX*.

Acompanhamos o sr. Gomes de Amorim na sua queixa; só o não acompanhamos na importancia que dá a um livro que a não merece.

A obra de Romero Ortiz o que tem apenas é ser escripta em geral com benevolencia para comnosco, mas é destituida de critica, feita com pouquissima consciencia, e não queremos para prova d'isso senão as proprias asseverações do sr. Gomes de Amorim, que tão partidario se mostra do livro e do author.

«N'essa obra, diz o author das *Memorias biographicas*, aliás digna da gratidão dos portuguezes, sente-se que quem ministrava apontamentos era destituido de senso commum. De contrario não o faria metter entre Camões e Rodrigues Lobo um pobre ponto de theatro chamado Ricardo José Fortuna, author de insulsas farças!»

Se era destituido de senso commum o sujeito que ministrava apontamentos a Romero Ortiz, como devemos nós classificar este famoso escriptor que escrevia a sua obra sobre apontamentos que outros lhe ministravam, sem se dar ao trabalho sequer de lhes verificar, a exactidão? Foi sobre apontamentos pedidos a algum amigo, que o americano Jorge Ticknor escreveu a sua *Historia da litteratura hespanhola?* Bem sei que livros como o de Ticknor são raros, como são raros sempre os bons livros; mas o que não é licito é que se preste aos livros medioeres como o de Romero Ortiz a homenagem que é devida ás obras que são escriptas com sciencia e consciencia.

Para avaliarmos a critica de Romero Ortiz basta citarmos ainda o sr. Gomes de Amorim: «Considerando por vezes Garrett como escriptor de segunda ordem, acha que *Fr. Luiz de Sousa*, a obra de theatro mais perfeita que se conhece, só alcançaria fama immortal se tivesse presidido á sua concepção um pensamento mais philosophico.»

Que idéa faria Romero Ortiz do theatro? Qual é o grande pensamento philosophico de *Romeu e Julieta*, do *Othello* e de tantas outras peças immortaes do immortal poeta inglez? O theatro o que faz é pôr em jogo, com a maxima verdade possivel, as paixões e os affectos humanos. Shakespeare é o mais sublime de todos os dramaturgos, porque ninguem soube, como elle, reproduzir com tanta energia e com tanta realidade as paixões que devastam o coração humano, e o *Fr. Luiz de Sousa* é uma peça shakespeariana, porque ali se manifestam, na sua mais viva expressão, as dores e as angustias que podem enlutar uma familia. Garrett, que escolhera um assumpto como os que inspiravam a Melpomene hellenica, um assumpto em que a fatalidade, é como no *Edipo*, o grande agente do terror e da piedade, soube tratal-o como o trataria Sophocles, com a severa simplicidade que é o encanto supremo d'esta admiravel tragedia.

Pois se Romero Ortiz era incapaz de comprehender a belleza ideal d'aquella doce figura de Maria, se não lhe saltavam as lagrimas ao ler os patheticos dialogos em que intervem Manoel de Sousa Coutinho, depois de pronunciada a crise, se lhe passava despercebido o encanto affectuoso d'aquelle pobre Telmo, se o deixava imperturbavel a apparição espectral d'aquelle peregrino, que estende o bordão para o retrato, e pronuncia, n'uma palavra só, a sentença fatal que condemna uma familia ao eterno lucto e ás eternas lagrimas, se não possuia o sexto sentido que faz comprehender estas bellezas, e estas sublimidades, para que se mettia a julgar de peças e de dramaturgos?

Um homem, que, acabando de ler o *Fr. Luiz de Sousa*, diz com os seus botões: *E' pena que isto não tenha um pensamento mais philosophico*, está julgado! Qual sera então o pensamento philosophico do *Edipo?* Que nenhum homem se pode considerar feliz antes de chegar ao ultimo dia da sua vida? Valia bem a pena fazer uma peça subordinada a este pensamento! E qual será o pensamento philosophico do *Othello?* Que o ciume é uma paixão levada dos diabos? E o pensamento philosophico dos milhares de peças de Calderon e de Lope da Vega — honra eterna e eterna ufania do theatro hespanhol? Romero Ortiz o que queria simplesmente era que o *Fr. Luiz de Sousa* fosse uma dissertação dialogada, representada por personagens symbolicos. O drama simples, humano, que se trava entre personagens em cujo coração palpita sangue vermelho e quente, esse não lhe serve. Não nos admira que isso lhe não servisse. O que admira é que um livro de historia de litteratura, em que a critica litteraria é d'eta força, possa ser considerado como um livro apreciavel.

Acha Romero Ortiz que Garrett devia ter queimado as *Folhas caídas*. O que não percebo muito bem é como o sr. Gomes de Amorim não é tambem d'essa opinião. Effectivamente quem julga digno de apreço o livro de Romero Ortiz, deve julgar dignas da fogueira as *Folhas caídas*. Desde o momento que reconhece elevado merito n'um critico d'esta ordem, não percebemos que não considere chochas as *Folhas caídas*. E' bom não ter dois pesos e duas medidas. Ou as *Folhas caídas* não prestam, ou o critico que profere semelhantes heresias tem o sentido do bello perfeitamente embotado, e é, por conseguinte, incapaz de escrever um livro como o que Romero Ortiz tentou fazer.

E' tão desgraçado Romero Ortiz que até, quando quer ser amavel com Garrett, lhe sae disparate na amabilidade. Pois elle não chama a Garrett o «inclito auctor da *Merope*!» Vejam se alguem se lembrou, a não ser Romero Ortiz, de considerar a *Merope* como uma das obras primas de Garrett. A *Merope* é um insulso *pastiche* de Maffei e de Voltaire, sem originalidade, sem estylo, sem força dramatica, metrificado apenas regularmente, e que não apparece na collecção de Garrett senão como ponto de partida, para se avaliar o caminho percorrido desde os hendecasyllabos d'essa tragedia de criança até á prosa tersa e viril do *Fr. Luiz de Sousa*.

Como se póde imaginar, acha Romero Ortiz o *Arco de Sant'Anna* inferior á maior parte dos romances portuguezes da mesma época. Este grave castelhano, caçador de pensamentos philosophicos, não comprehendeu o *Arco de Sant'Anna*. Podéra! *Não é tão fino mel*... A citação que iamos fazer é pouco mais ou menos de Garrett, mas não a completamos, porque não queremos tambem ir tão longe que sejamos injustos.

Se não comprehendeu o *Arco de Sant'Anna*, menos comprehendeu ainda, é claro, as *Viagens na minha terra*. Não acceitamos a desculpa que o sr. Gomes de Amorim pretende apresentar. «Não entendeu, diz elle, as *Viagens na minha terra*, thesouro de linguagem que um estrangeiro difficilmente apreciará.» O principal merito das *Viagens na minha terra* não está, emquanto a nós, na sua linguagem, está nas qualidades supremas de um estylo ligeiro, de um humorismo graciosissimo que se não perde se o trasladarem para uma lingua estrangeira, como se não perdem, trasladados para francez, os predicados da *Viagem sentimental*, de Sterne, ou trasladados para portuguez os primores da *Viagem á roda do meu quarto*, de Xavier de Maistre.

Este critico famoso, este historiador consciencioso da nossa litteratura, achando-se em presença de um escriptor da pujança de Garrett, fez d'elle o juizo que se acaba de ver. E é um escriptor notavel, e o seu livro merece ser tratado com todo o respeito. Considera Garrett um escriptor de segunda ordem, acha quasi mediocre o *Fr. Luiz de Sousa*, põe esta peça a par da *Merope*, desdenha do *Arco de Sant'Anna* e das *Viagens na minha terra*, e é um grande critico. Põe na nossa historia litteraria, n'um dos logares mais brilhantes, o pobre poeta Ricardo José Fortuna, e é um optimo historiador da moderna litteratura portugueza.

Bem se vê!

PINHEIRO CHAGAS.

FLORES INTIMAS

Recordações suavissimas de outréra,
se vindes como lagrimas fugidas
d'esse mar da Desgraça, e repellidas
para o seio febril que vos adora;

se, quando vos ergueis, a luz da aurora
não bate n'essas faces compungidas,
vagae no vosso mar, vagae perdidas,
comvosco soffre mais quem tanto chora...

Trazieis-me essa Imagem tão amada?
Sois ruinas de velhas illusões
para nada servis, não valeis nada.

Levae-a para as frias solidões...
Não quero, não, a Imagem constellada,
deixae-me em paz, deixae recordações!...

ANTONIO FOGAÇA.

AS NOSSAS GRAVURAS

BOAS NOTICIAS

Adivinha-se n'aquelle sorriso aberto que são boas.

O marido ausente diz-lhe que não foi atacado do microbio nas longes terras por onde anda a ganhar a vida; jura-lhe que não teve ainda o mais pequenino desvio do caminho recto da fidelidade; conta-lhe os seus progressos e as suas venturas; participa-lhe que entrevê um futuro prospero; falla-lhe do começo dos seus amores, e manda-lhe dinheiro, boas moedas de ouro de lei, que ella foi já receber e que mostra, radiante de jubilo, á sua amiga mais intima, lendo-lhe, ao mesmo tempo, a adorada missiva do esposo.

Só quem não tiver coração é que não comprehenderá aquella doce alegria e o alvoroço com que é feita a leitura d'aquella carta.

OS CAPRICHOS DA MENINA

UM MINUETE

A VISTA FAZ FÉ

OS CAPRICHOS DA MENINA

A menina é caprichosa e exigente. Cada dia formúla um pedido novo; a cada hora lhe assalta o espirito uma lembrança extravagante. A mãe perde-a com mimos, o pae seria capaz d'ir arrancar a lua do firmamento, se a Lili se lembrasse de a pedir fazendo beicinho.

Hoje quiz por força vestir-se de senhora, com uma *toilette* disforme e uns penteados colossaes, que destoam dos seus dez annos sorridentes como auroras.

A desastrada, porém, não se lembrou de que fica mal a uma senhora brincar com bonecos, e apesar do seu trage espalhafatoso, de dama do grande mundo, não repudia os brinquedos do costume, ao lado do bichano folgasão, que se entretem, muito á vontade, em emaranhar os novellos d'uma caixa de costura, emquanto ella faz girar sobre o tapete um pseudo-carneirinho d'algodão em rama, e a mãe se reveste de paciencia para satisfazer mais algum novo capricho da menina mimosa.

A VISTA FAZ FÉ

Não fosse ella uma filha d'Eva! Não tivesse em si o defeito d'origem!

Ia muito direitinha pela rua fóra, com um cabaz á cabeça, trauteando as cantigas populares mais em voga. De repente, ao passar junto do muro d'um jardim, ouve explosir lá dentro duas gargalhadas sonoras. O diabinho da curiosidade morde-a. Pôr o cabaz no chão, saltar para cima d'elle, equilibrar-se nos bicos dos pés e deitar a cabecita sobre o muro, foi obra d'um momento.

Não sabemos o que ella está espreitando, mas a julgar pela sua attenção demorada, deve ser coisa que lhe cause espanto.

Curiosa!

UM MINUETE

O minuete é uma dança muito graciosa, originaria do Poitou, em França. O primeiro minuete de côrte, composto por Lulli, foi dançado por Luiz XIV em 1633, em Versailles. Os passos do minuete eram cinco: um para a direita, dois para a esquerda e um para diante; depois outro para diante e uma volta. O andamento da musica era muito lento. Todos os passos do minuete começavam com o pé direito e duravam dois compassos.

A nossa estampa dá uma boa idéa da affectação do vestuario e maneiras do tempo do minuete.

HOSPITAL ESTEPHANIA

O edificio do Hospital Estephania, de Lisboa, foi construido na quinta do paço real da Bemposta, vulgarmente chamada Quinta Velha.

A planta veiu d'Inglaterra, mandada pelo finado principe Alberto, esposo da rainha Victoria, a el-rei D. Pedro V, que lh'a havia pedido.

A intenção da regia fundadora, a sr.ª D. Estephania, era que o hospital fosse exclusivamente para creanças. Diversas causas obrigaram a alterar este pensamento, e d'aqui a necessidade de modificar o projecto da obra.

O vestibulo do hospital é elegante e está encimado pelas armas reaes, dividido, porém, o escudo em duas partes, contendo a do lado direito o brazão portuguez e a do esquerdo o da casa de Hohenzollern, a que pertencia a fundadora.

Este brazão de armas custou 800$000 réis.

O pavimento da entrada do edificio é de marmore e contém quatro nichos com estatuas. Aos lados estão as casas para receber doentes, consultas, cirurgião de serviço e guarda de instrumentos cirurgicos. Segue-se um espaçoso e elegante claustro, tendo ao centro um tanque, e em volta 29 arcos de cantaria e quatro nichos lateraes para estatuas.

O pavimento d'esta arcada é de pedra preta com enfeites de granito.

Por cima corre uma larga galeria, para passeio dos convalescentes.

Ao fundo do claustro está a capella, construcção de bonito risco, em que entram o marmore e algumas obras de estuque. A urna do altar-mór é de marmore preto e branco. No tympano vê-se um medalhão com o emblema da Caridade, e por cima da porta da capella está outro medalhão com a imagem de Santa Estephania. Aquelle medalhão custou 250$000 réis, e este 200$000. Os festões que se vêem dos lados são de um bello trabalho.

O retabulo do altar-mór da capella é um painel religioso, tendo 3m,40 de altura e 1m,71 de largura. E' da escola moderna allemã. Representa, na parte superior, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que parece attender ás supplicas de uma pessoa real, indicada pelo seu manto, e se julga representar a rainha D. Estephania, de saudosa memoria, a qual um anjo conduzia á presença divina, afim de que a mãe de Deus acolhesse sob a sua protecção os infelizes orphãos para lhes dar amparo; vendo-se no ultimo plano do painel, um grupo de nove creanças em differentes posições, esperando obter, pela intervenção da sua real bemfeitora, a protecção da Santissima Virgem.

A capella mede 14 metros e 20 centimetros de comprimento e 7 metros e 9 centimetros de largura.

O edificio está dividido em quatro corpos principaes, formando cruz, e são dois os pavimentos para enfermarias e um terceiro para accommodações.

Póde admittir, ao todo, 200 leitos, distribuidos por 11 enfermarias, 4 grandes e 7 pequenas.

As enfermarias principaes conteem cada uma 9 grandes janellas por lado e 2 no topo; teem muita luz e pé direito, sendo excellente o systema de ventilação, tanto n'ellas como nas enfermarias pequenas. No fundo de cada enfermaria ha sentinas inodoras, lavatorios e casas para banhos, com tinas de marmore.

Cada uma das grandes enfermarias mede 45 metros e 36 centimetros de comprimento por 12 metros e 10 centimetros de largura, comporta 40 leitos, guardadas as distancias que a hygiene recommenda, e tem 7 bicos para gaz.

O sobrado d'estas casas é de carvalho do norte ou casquinha. Assentam estas enfermarias sobre abobadas de tijolo de grande altura e solidez.

A communicação faz-se por diversas escadas interiores, que facilmente conduzem de umas a outras enfermarias e officinas do estabelecimento. Ha agua em todos os pavimentos.

A cosinha é uma boa casa, lageada e com abundante agua: o fogão é pelo systema do do hospital de S. José.

O comprimento de todo o hospital é de 150 metros e a largura de 75.

Custou mais de 300 contos de réis.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

MIGUEL SABINO.—Valença.—O primeiro volume acaba com este numero. Quanto á segunda parte da sua pergunta, não podemos ainda responder-lhe cabalmente.

Wladimiro Alexis.—O seu logogripho posto a premio tem coisas estranhas, que nos deixaram maravilhados. Onde descobrio v.ª ex.ª que hepatite (doença do figado) é mineral?

Ora valha-nos Nosso Senhor!

Reveja-o, emende, e fallaremos.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na egreja esta fructa é cidade—2—2.

E' mau na musica e não é velha esta povoação portugueza —2—2.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

Esta lettra grega e esta mulher é festival—1—3.

Nos moinhos e aqui vê-se este insecto—1—1.

Não é lá que este homem me abriga—1—1.

Este adjectivo e esta mulher em mim descansam—2—2.

ANTONIO CANDIDO DE MENDONÇA F. DE M. PINTO.

EM VERSO

(A Matheus Peres)

Anda no ar, e da terra
E por Euro alevantado!
Se em cima de mim o vejo,
Tirando-o, fico aceiado. } 1

Eu sou um..., e tu, leitor,
E's outro ..., d'isso está certo.
Caia Phebo no conceito
Se do dia o termo é perto! } 2

C. SERTORIO.

Qual Ashaverus da lenda,
Fui feito p'ra caminhar.—1
Ai de mim, que em toda a parte
[illegible]—2

E' meu todo appetitoso
E bem grato ao paladar;
Meu perfume, meu sabor
A quem não ha de agradar?

J. A. D.

CHARADAS TELEGRAMMAS

(Em acrostico)

(A F. L. Méga)

Falua é embarcação?—1, 1, 1.
Laverca é ave?—1, 1, 1.
Macaco é animal?—1, 1, 1.
Embira é planta?—1, 1, 1.
Galera é navio?—1 1, 1.
Agata é pedra?—1, 1, 1.

G. Caetano.

LOGOGRIPHOS

Diz-nos este movimento.—5—6—1—4
Poder revela a segunda.—1—2—6
Tércia contém algarismos,—1—7—3
Quarta de brilho te innunda.—4—6—1—7

Muitas mais combinações
Eu poderia formar,
Mas, meu caro, deu a hora...
E' forçoso terminar.

J. A. D.

Escrevi do Alemtejo p'rá cidade—1—3—5—4—7
Buscando caçador de profissão,—6—2—4—7
P'ra d'estes animaes em quantidade—3—5—4—7
Fazer-me, n'este instante, vir á mão.—2—6—7—3—5
Tratante me sahiu, tal nullidade,—6—2—3—7—4—7
Que em um certo papel, por direcção,—1—5—3—4—2
Poz:—cidade d'America Central,
Mas qu'outr'ora de Roma foi rival.

Porto. Erro.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que é matta, appellido e aldeia?

Ponta do Sol. Maf.

ENIGMA

Mertola. Antonio Manuel da Costa Junior.

PROBLEMA

Da faculdade de Sciencias de Paris:

André diz a Simão: Eu tenho o dobro da edade que tu tinhas, quando eu tinha a edade que tu tens: e quando tu tiveres a edade que eu tenho, a somma das nossas edades será 63 annos. Qual é a edade de André e de Simão?

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas: — Condecoração — Arpão—Aguia—Sarampo — Bordallo Pinheiro — Madresilva—Casamata—Romaria — Parabola —Lina —Adda—Raiva—Azul —Lapanga.

Do logogripho:—Thereza.

Dos enigmas:—Lima, capital do Perú—Entreacto.

Da pergunta enigmatica: — Escalda.

Do passatempo: —

4	9	2
3	5	7
8	1	6

Do problema:—41 pecegos e 8 duzias de maçãs.

A decifração da charada do n.º 49 é Escolopendra.

A RIR

Uma viuva inconsolavel:

—Oh! senhor doutor! Confiei-lhe o tratamento de meu marido, e o senhor deixou-o morrer!

—Que quer, v.ª ex.ª, minha senhora? Só me chamaram quando elle já estava doente!

*

Calino está para contrahir matrimonio, mas tem um medo incrivel do novo estado.

—Pateta! diz-lhe o pae: não vês que eu tambem casei?

—Boa comparação! O senhor casou com a mamã, emquanto que eu vou desposar uma mulher desconhecida!

*

Certo amanuense d'uma das secretarias é demittido, por faltar durante mezes seguidos á repartição.

Quando recebe a triste noticia, responde friamente:

—Isto vae custar a vida a muitas pessoas.

—Porque? perguntaram-lhe.

—Ha vinte annos estudei medicina, e vendo-me agora sem recursos, não tenho remedio senão fazer clinica.

Um dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os oradores, advogados, prégadores, etc., devem tomar, na vespera do dia em que tiverem que fazer grande uso da voz, um copo de agua assucarada, na qual hajam dissolvido um pouco de nitrato de potassa, de modo que provoquem uma transpiração abundante. Podem tambem usar, nas mesmas condições, de gargarejos da seguinte mistura:

Decocto de cevada	200	grammas
Alumen........................	5 a 10	»
Mel rosado	20	»

Um outro meio consiste no uso de uma *infusão* de *jaborandi*: 3 grammas para uma chavena de agua a ferver, para tomar de manhã na cama e obter uma abundante transpiração.

Recommendamos o uso d'estas receitas aos deputados... que fallam.

A FEIRA DA LADRA

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Jámais se apagará da memoria da actual geração o aspecto unico, especial, *sui generis* d'aquella *étalage* de inutilidades asquerosas, que, todas as terças-feiras, e sob a denominação de *feira da ladra*, se estendiam pelo vasto recinto do Campo de Sant'Anna.

Não irei agora procurar a origem d'aquelle mercado extraordinario. Este trabalho teria, de certo, alto valor n'um livro de antigualhas, usos e costumes, mas não é de molde a encher as paginas da *Illustração Portugueza*.

Procurarei, n'um *coup de plume*, fazer a philosophia da feira, e apanhar-lhe o seu traço physionomico, se é que esta imagem tem cabimento explicativo.

A *feira da ladra* era um verdadeiro pandemonio, um sarcastico desprezo lançado todas as terças-feiras ás futilidades e vaidades mundanas.

Se exoticos eram os artigos d'aquelle commercio originalissimo, problematicos eram, sem duvida, os commerciantes que o faziam.

O povo chamava aos feirantes *«adellos»* quer elles vendessem livros velhos e sujos, quer negociassem em moinhos quebrados, correntes partidas, chaves de relogio, rolhas de vidro, copos ordinarios, e espaldares de cadeiras sem fundo. N'aquelle mercado vendia-se o que ninguem scisma comprar.

Tudo reunido daria apenas alimento para uma fogueira colossal, emquanto que, disposto com certa arte, achava sempre compradores.

Aquella alluvião de objectos velhos e quebrados, reunindo-se n'uma heterogenidade incrivel, causava vertigens e provocava curiosidade.

A predominante da feira era o commercio de artigos usados de vestuario de homem e de mulher.

Encontravam-se ali pequenos sapatinhos de setim branco que,

tendo estreiado a sua virgindade nos pequeninos pés d'uma noiva joven e apaixonada, rodopiado mais tarde no turbilhão da walsa, pisado, levianos e libertinos, os salões dos bailes de mascaras, e cahido depois, como uma camelia murcha, no chale nauseabundo da adella, passavam á feira da ladra, e acabavam por se prostituir nos pés d'alguma peccadora de bordel, ante a contemplação bestial d'um fadista embriagado.

As meias de seda, as camisas bordadas e os vestidos de baile e de nupcias, tendo atravessado as mesmas estações do destino, iam ali ter egual sorte.

A casaca, essa aberração idiota das ceremonias sociaes, exigida para as festividades mais distinctas e para os moços de *restaurant*, para os altos dignitarios e para os gatos pingados, tinha ali a sua genealogia, desde o especimen antigo, de largos bolsos e enormes canhões, até á casaca moderna, de aba estreita e bandas de setim.

De chapeus finos podia-se construir uma importante collecção. O *canudo*, o *litro*, a *urna*, o *fogão*, o *quibumbo*, o *penante* e finalmente o chapeu alto, vendia-se a tres vintens e tostão, o maximo.

Os ferros-velhos eram, porém, a nota caracteristica da feira. O prego mais ferrugento e inutil tinha ali um preço: e, por uma aberração inexplicavel, esse prego de que ninguem faria caso se o encontrasse na rua, achava comprador!

Fechos para trincos, aldrabas, ferramentas, parafusos, porcas, botões para militares, correntes, martellos, etc., etc., de tudo ali havia em abundancia e profusão.

Os mais procurados dos feirantes eram, inquestionavelmente, os livreiros.

Explicava-se isto por se encontrarem na feira livros antigos e raros, a que o livreiro desconhecia o valor.

O bibliophilo e o investigador de documentos esquecidos e obras desconhecidas, não deixavam, uma só terça-feira, de concorrer á feira da *ladra* e folhear todos os livros que por lá havia, ainda os mais velhos e desastrados. O fallecido Innocencio Francisco da Silva adquiriu, n'aquelle exotico mercado, muitas obras curiosas, e algumas de valor, pela sua raridade e vetustez.

Os pobres eram, na sua maioria, os freguezes da *feira*.

A collecção de calçado velho, remendado, e de fato ordinario, tinha sempre grande procura.

As mulheres *non sanctas* de baixa esphera tambem ali concorriam a adquirir umas *toilettes* baratas e espaventosas, oriundas muitas vezes do corpo perfumado e tepido d'uma aristocrata *vieille roche*, e vestidas, apoz a sua passagem a segunda possuidora, por uma serie de corpos que se viram obrigados a apertal-as e alargal-as conforme as exigencias das fórmas, a ponto de ser já difficil descortinar onde principiavam os hombros e acabava a cintura.

A feira durava desde pela manhã até ao pôr do sol, hora a que toda aquella trapagem recolhia á pocilga dos seus donos, conduzida por estes em carunchosas arcas de madeira pintadas de vermelho ou castanho.

Eram extremamente notaveis as feições de algumas d'aquellas mulheres, entre as quaes se contavam possuidoras de inscripções e prediositos de casas.

A genuina adella, sempre a comprar e a vender trapos, quer estes pertencessem a uma duqueza ou a uma *cocotte* tysica, que não sabia vender um lenço sem fallar dez vezes em Maria Santissima, era, de ordinario, uma mulher de meia edade, ossuda e brutal, de olhar vivo e velhaco como o da raposa, e rosto encovado e trigueiro, do qual ha muito tinha fugido o mais leve caracteristico feminino.

Estas mulheres deitavam cartas, liam no destino, sabiam fazer perder aos sujeitos amigos do summo da uva, o gosto pelo vinho, produziam abortos, e conheciam philtros proprios para acorrentar a uma mulher o coração de qualquer homem menos sensivel.

Como nota predominante da sua vida, bebiam aguardente, eram viuvas de tres maridos, e o quarto já inscrevera o nome nos registros do Limoeiro.

Viviam em sitios affastados, e tinham em volta da sua fealdade e da sua repugnancia, uma lenda qualquer, que algumas vezes o faro da policia commettia o arrojo de devassar, com grave escandalo dos espiritos maus, e do corvo que todo o dia brincava na rua, de parceria com os gatos e as gallinhas.

Voltando ao aspecto do mercado, devemos observar que elle começava na rua de S. Lazaro e seguia até á sua verdadeira situação, n'um crescendo ridiculo de artigos asquerosos e macrobios, expostos ás portas dos *bric-á-bracs* da miseria, ou á beira dos passeios.

Um dia, a Camara municipal comprehendeu que aquelle mercado era simplesmente uma vergonha, e ordenou aos feirantes que fossem armar as suas tendas e expôr as suas *preciosidades* no abandonado mercado de Santa Clara. Os feirantes reagiram, mas não foram attendidos.

Aquella indignidade devia acabar um dia, e effectivamente a sua transferencia foi a sua morte.

A maioria dos feirantes não concorreram áquelle local que os desalojava dos seus habitos e das suas moradias, e a feira da *ladra*, miseranda reliquia d'um antigo costume, desappareceu do numero dos nossos ridiculos, como um farrapo immundo.

ALFREDO GALLIS.

HOSPITAL ESTEPHANIA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa